

REVISTA

DESAFIOS

ISSN: 2359-3652

V V.12, n.1, ABRIL/2025 – DOI: http://dx.doi.org/10.20873/pibc_2024_21113

O HIP HOP COMO AUXILIAR DA POLÍTICA EXTERNA DA AMÉRICA LATINA E COMO SEGMENTO CRÍTICO DA UTILIZAÇÃO EM MASSA DA INDÚSTRIA CULTURAL PARA EXERCER HEGEMONIA.

THE HIP HOP AS AN AUXILIARY OF LATIN AMERICA'S FOREIGN POLICY AND AS A CRITICAL SEGMENT OF THE MASS USE OF THE CULTURAL INDUSTRY TO EXERCISE HEGEMONY.

EL HIP HOP COMO AUXILIAR DE LA POLÍTICA EXTERIOR DE AMÉRICA LATINA Y COMO UN SEGMENTO CRÍTICO DEL USO MASIVO DE LA INDUSTRIA CULTURAL PARA EJERCER HEGEMONÍA.

Maria de Fátima Nascimento Rodrigues Leite:

Graduanda em Relações Internacionais. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: mfatimamcl@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-7034-3233>

Fernando Furquim de Camargo:

Professor Dr. do Curso de Relações Internacionais. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: fernandofcamargo@mail.uft.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-0178-0833>

RESUMO:

Apesar das relações internacionais terem um campo de estudo muito extenso, uma área pouco desenvolvida por ela é a área da cultura. A cultura além de se configurar como um direito, também é vista pelo sistema internacional como uma forma de controle social, a partir da mudança do cenário internacional a uma maior integração. Contudo, ao vivenciarem as negligências dos Estados, grupos minoritários reverteram suas vivências a um movimento artístico, esse movimento é usado como plataforma de política de exposição ao suas dinâmicas, a fim de procurar visibilidade e mudanças, porém ao se tornar um viés político, se relaciona com o Soft Power, se tornando um Soft Power, que se desvincula da narrativa hegemônica da Indústria Cultural, forma de controle utilizada pelos Estados. Assim, utilizando fontes teóricas como Adorno, Horkheimer, Nye muito presentes nos estudos das relações internacionais, se constrói o presente trabalho, porém com a delimitação ao escopo geográfico da América Latina.

Palavras chaves: Rap. Indústria Cultural. Soft Power. Contra- Hegemônico

RESUMO:

Despite international relations having a very extensive field of study, one area that is underdeveloped within it is the field of culture. Culture, besides being considered a right, is also seen by the international system as a form of social control, especially with the shift in the international landscape towards greater integration. However, in experiencing the negligence of the States, minority groups have transformed their experiences into an artistic movement. This movement is used as a political platform to expose their dynamics, seeking visibility and change. However, by becoming a political approach, it connects with Soft Power, becoming a Soft Power itself, which detaches from the hegemonic narrative of the Culture Industry—a form of control used by States. Thus, using theoretical sources such as Adorno, Horkheimer, and Nye, which are widely present in international relations studies, this work is constructed, though limited to the geographical scope of Latin America.

KEYWORDS: Rap. Cultural Industry. Soft Power. Counter-Hegemonic.

RESUMEN:

A pesar de que las relaciones internacionales tienen un campo de estudio muy extenso, un área poco desarrollada dentro de ellas es el ámbito de la cultura. La cultura, además de configurarse como un derecho, también es vista por el sistema internacional como una forma de control social, especialmente con el cambio del escenario internacional hacia una mayor integración. Sin embargo, al experimentar las negligencias de los Estados, los grupos minoritarios transformaron sus vivencias en un movimiento artístico. Este movimiento se utiliza como una plataforma política para exponer sus dinámicas, buscando visibilidad y cambios. Sin embargo, al convertirse en un enfoque político, se relaciona con el Soft Power, convirtiéndose

en un Soft Power en sí mismo, que se desvincula de la narrativa hegemónica de la Industria Cultural, una forma de control utilizada por los Estados. Así, utilizando fuentes teóricas como Adorno, Horkheimer y Nye, muy presentes en los estudios de relaciones internacionales, se construye el presente trabajo, aunque con la delimitación al ámbito geográfico de América Latina.

Palabras clave: Rap. Industria Cultural. Soft Power. Contrahegemónico.

INTRODUÇÃO

O presente projeto se inicia ao retratar a importância da leitura de campos pouco explorados das Relações Internacionais, dentre elas a cultura. A cultura, apesar de ser um direito garantido na Constituição Brasileira de 1988 e também presente na Constituição da Unesco (2002), a qual deixa a conhecimento a necessidade dos Estados de dar acesso a cultura, não é um assunto amplamente estudado no campo das relações internacionais. Essa limitação ocorre porque a origem dos estudos nas Relações Internacionais advém de uma tentativa de analisar e prevenir guerras, e ao passo que a disciplina evoluiu em sua estruturação em uma proximidade aos hegemônicos discutidos pelos grandes centros de poder.

A estrutura anteriormente citada tem como princípio a constituição da base da disciplina das relações internacionais, que são o foco na economia, no jurídico, na história, nas guerras, e na estrutura de poder. Dessa forma, essa estrutura de poder por muito tempo se limitou a uma ligação entre poder militar e econômico, contudo em uma mudança do cenário internacional ocasionada por uma maior aproximação, a forma de poder também sofre alterações. Em continuidade a esse pensamento, após os grandes conflitos demonstrarem suas consequências aos Estados, o poder evolui de uma construção em forma de hard power, para exemplificar o poder militar, para o soft power também apresentado pelo mesmo autor (Nye, 1990). Ou seja, se modifica de um poder de influência voltado ao medo para uma construção de influência indireta que se aproxima ao cenário mais aceito nas relações Internacionais.

Para analisar isso, trabalhamos com o conceito de Indústria Cultural, explorado por Theodor Adorno e Horkheimer (1940), como meio de manipulação das massas. Ao viabilizar a arte como produto de circulação em massa, a indústria cultural desencadeia um fenômeno em que a arte serve simultaneamente como distração e propaganda direcionada. Logo, pode se relacionar com o conceito de Soft Power quando se percebe, que por meio da cultura, é possível gerar uma maior atração e capitalização para um país no cenário internacional.

Porém, ao ir na contra-mão ao convencional utilizado pela Indústria Cultural, apresenta-se nesse trabalho uma análise do estilo hip hop como forma de poder brando, em jogo de estratégias que os mantém distante dessa industrialização da cultura. Assim, ao analisar o papel da cultura como soft Power e sua interação com a Indústria Cultural, busca-se compreender a existência de um estilo de cultura que foge do padrão do Soft Power. Este estudo é crucial para desvendar as dinâmicas contemporâneas de poder, proporcionando a compreensão sobre como as nações podem alavancar ativos culturais

para alcançar objetivos estratégicos e fortalecer sua posição no contexto internacional. Com isso, entendendo a relevância desse trabalho, sua justificativa permeia que o objeto escolhido, o rap, se configura em arma política para aqueles que o reproduzem, dessa forma criando um viés crítico contrário a hegemonia mundial propagada pela Indústria Cultural.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para análise dessa obra, é a qualitativa, pois ao delimitar um objeto que se baseia em narrativas de vivência sob olhar analítico, o mesmo segue a narrativa descrita pela autora e socióloga Heloísa Martins (2004). No texto “Metodologia Qualitativa de Pesquisa” ao descrever a metodologia qualitativa, a autora apresenta que seu nascimento provém da necessidade de haver uma metodologia que compreendesse o objeto complexo das ciências sociais, ou seja, o ser humano. Para isso, a autora (2004) apresenta a necessidade de entender que o pesquisador sendo um ser humano carrega consigo experiências e valores distintos. Então quando se trata dessa forma de construção de conhecimento a neutralidade não é presente, pois será um conjunto realizado a partir da subjetividade do pesquisador que carrega consigo suas experiências.

Dessa forma, Heloísa Martins (2004) apresenta que assim como outros campos, a metodologia qualitativa passou por diversas críticas na qual as colocavam como contexto pré-científicos, pois se acreditava que a neutralidade era posta em risco nessa modalidade, porém como citado, a neutralidade não é o objetivo deste tipo de produção de conhecimento, visto que sua especificidade gira em torno da conexão da relação de subjetividade do autor com o tema tratado. Assim, combinado com a análise teórica crítica se constrói um estudo sobre Hip Hop.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mencionado, o sistema internacional no século XX passa por constantes transformações, a criação de uma disciplina que visa tentar evitar grandes conflitos, a evolução das tecnologias, a globalização como consequência, e a corrida armamentista da Guerra Fria, são fatores importantes para essa mudança. Nesse sentido, Joseph Nye (1990) em seu trabalho intitulado Soft Power, aponta que em um sistema marcado pela

constante procura para a segurança do seu Estado-Nação é aproveitado a evolução da indústria e da configuração de poder baseado na militarização, para poder criar armas com grande poderio de destruição, que ocasionou uma polarização no sistema mundo.

Com isso a polarização anteriormente citada foi chamada de Guerra Fria, e foi denominada dessa forma, pois apesar de grandes tensões, ao analisar as consequências que grandes conflitos trazem aos Estados, agravados pela possibilidade do uso das armas nucleares, a guerra permaneceu sem conflitos bélicos. Ao final desse episódio, com a evolução da tecnologia e em uma forma de interdependência no sistema internacional que ocasionou uma complexidade maior em relação a forma de segurança de cada Estado, o constante medo do uso de armas nucleares fizeram com que outros países procurassem a construção de suas armas nucleares, forçando uma modificação das relações entre Estados (Nye, 1990).

Em relação a isso, Joseph Nye (1990) apresenta que ao entender a gravidade de conflitos bélicos em um cenário de armas nucleares, os Estados procuram outras maneiras de garantir sua hegemonia sob os outros. Exemplo disso, apresentado pelo Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina (2017), se faz presente no discurso da polarização que implantava o medo do socialismo pelo capitalismo dos Estados Unidos, que teve ampla participação para dar força às ditaduras militares presentes na América latina. Esse discurso acompanha o pensamento que, Joseph Nye em sua escrita *Soft Power* (1990), discute sobre a promoção da legitimação do poder para os outros, pois existe menor resistência de suas ideias serem implantadas, como acontece ao discurso fantasmagórico do comunismo no Brasil.

Com isso, o conceito reconhecido como *Soft Power* descrito por Nye (1990), foi derivado de uma resposta às mudanças internacionais dentro e após a Guerra Fria, reforçado pelo evento do 11 de setembro de 2001. Essa análise surge, visto que os Estados Unidos, pós guerra fria se configurava como vencedora, porém tamanha grandeza e influência não foi capaz de conter o evento, mesmo vinculado a grandes investimentos em armas. Tal questão demonstra que apenas poderio militar não é suficiente para proteção.

Nesse sentido, o conceito apresentado pelo autor, *Soft Power* (1990) configura-se em uma forma de influência projetada sob cultura e valores estruturada em seis principais ferramentas, marcadas por: cultura, valores, diplomacia cultural, diplomacia pública, educação e a habilidade de construir uma imagem internacional positiva. Esse formato de poder destaca o uso da influência não coercitiva em uma projeção internacional, para configurar uma boa imagem para com os outros. Em vista disso, para

melhor compreensão, abaixo apresentaremos um pequeno complemento dos elementos apresentados acima.

Ao falarmos sobre a diplomacia cultural no meio internacional, ela atua exercendo intercâmbios culturais, configurados em diferentes formatos promovendo conhecimento a respeito da cultura local daquele Estado. A educação promove a interação cultural, e convida a uma troca de intercâmbios acadêmicos, que além de enriquecer o local ao promover essa troca de conhecimento, também viabiliza o interesse daquela mente em permanecer no país e contribuir com o mercado. Em continuidade, a construção de uma boa imagem vem do conjunto de estratégias para conseguir atingir boas escolhas no meio internacional e assim promover destiques dentro das agendas discutidas (Politize, 2022).

Apesar de pouco discutida a globalização evidencia a importância dessa abordagem para essa forma de interação de poder movimentar economicamente o país, de forma a inseri-lo cada vez mais no ambiente externo. No contexto brasileiro, os autores Neto e Souza-Filho (2016) em seu artigo, destacam o impacto positivo dessa abordagem ao cenário econômico, evidenciando o expressivo montante de 2.967,9 bilhões de dólares em 2006 em produtos culturais. No entanto, é imperativo aprofundar nossa compreensão sobre como o Soft Power opera globalmente, nesse trabalho na especificidade da América Latina.

Nesse sentido, nada é mais ilustrativo do que examinar o papel desempenhado pelos Estados Unidos, o maior produtor de cultura de massa, e de grande influência na América Latina. Em sua gestão fortemente marcada pelo capitalismo, a principal preocupação dos Estados Unidos se concentra no aumento do consumo e transcendência de seus desejos fora das suas fronteiras, ao adquirir um profundo entendimento sobre uma nova forma de acessar o inconsciente coletivo global. A construção dessa influência se manifesta através do exercício midiático, abrangendo cinemas, músicas, notícias, entre outros. Para os Estados Unidos, esse processo contribui para a construção do "sonho americano", uma narrativa que molda a percepção internacional ao retratar o país como um exemplo a ser seguido (Ourives, 2013). Por isso, ressalta-se que o soft power não apenas contribui para uma imagem positiva de um país, mas também funciona como uma poderosa forma de propaganda estatal, sendo empregada em diversas camadas.

Com isso, apresentamos o conceito de soft power que nada mais é que a forma de poder indireta, ou seja, acontece ao gerar uma atração ao outro, o influenciando a seguir aquilo que atendem às suas vontades. Dentre essas ferramentas de poder a

principal do soft power é o intercâmbio cultural. Essas atividades são importantes para o crescimento dos Estados. Contudo, nesse trabalho teremos como foco o soft power sob a música dentro do Hip Hop, que leva reconhecimento e conhecimento para aqueles que a consomem, e também apresenta crítica ao sistema hegemônico a qual o Soft Power está vinculada em sua grande maioria.

Em vista da mesma discussão, a seguir encontramos a visão teórica do contexto hegemônico do Soft Power. Ao analisar o texto *Indústria Cultural* de Adorno e Horkheimer (2002), o contato primário demonstra que a cultura acompanha o desenvolvimento da Indústria, que promove rápidas mudanças para maior circulação de dinheiro ao mercado. Todavia, apesar dessas rápidas mudanças, a estrutura da cultura em massa segue padrão de criação para o controle. Mesmo quando existem subdivisões identitárias, mas quando vinculada a teoria crítica percebe-se que é uma catalogação do grande público alvo, com isso a noção de indivíduo é manipulada para criação de uma massa facilmente controlável.

Ao aprofundar no texto, percebe-se que a ideia de individualismo na indústria cultural se reduz a pó, visto que tudo se vincula a um grande esquema a qual é planejado por sua classe dominante. Aqueles que detém seu controle são os mesmos que detêm o poder econômico do mundo, em um sistema capitalista. A necessidade de controle sobre a grande massa, ocorre para que essas não se rebelem a suas vontades. Com isso, os autores apresentam sua dominação impõe que ao seguir um caminho distinto do que é imposto, suas consequências são a exclusão e a falta de capital, ou seja, criando uma realidade a qual o indivíduo é forçado a se encaixar.

Seu esquema de controle forma um reduto ao ponto de o cinema não mais ter seu nome vinculado a arte, pois tamanha é sua padronização que se encaixa nos ciclos de manipulação descritos pelos autores como impermeáveis (Adorno; Horkheimer, 2002). Apesar da mudança na forma de medir o poder, ao lugar do medo anteriormente explorado pelos Estados, há a influência cultural. Assim, nesse sistema de alienação, a “arte” perde a lógica da obra para apresentar um sistema que visa economia e dominação, percurso exemplificado pelas rádios, que de acordo com os autores são submissas a um sistema que pressionam a vivenciarem a mesma programação, pois para se obter um lugar nas rádios eram feitas seleções que forçaram aos renegados a um percurso clandestino.

Nesse sentido, Adorno e Horkheimer (2002) escrevem que a arte de nada interessa a aqueles em que seu foco se resume ao dinheiro, contudo o que a “arte” pode oferecer, sim. A arte aqui discutida é uma grande forma de propagação de consumo, e como discutido é uma grande arma de manipulação. Pois fornecem o controle sob seus

ouvintes e sobre as formas clandestinas, por oferecer obstáculos ao seu crescimento. Por isso, todos os meios técnicos da indústria passam por um empobrecimento, visto a forma em que seu conteúdo é construído. Isso porque seguem um contexto programado que não necessita de criatividade, ou crítica para entender aquilo que está por vir, já que seu propósito é se aproximar da realidade, para que a realidade se torne prolongamento daquilo imposto. Dessa forma, um contexto que se reservava ao prazer do indivíduo, ou seja, um momento de escape de toda exploração vivenciada, marcada por uma vulnerabilidade, se torna precioso nas mãos dos exploradores, pois cria um desprendimento do pensamento crítico.

Seguindo isso por conta dessa vulnerabilidade propagam conteúdos que se assemelham a propaganda, que tem a funcionalidade vender uma ideia lucrativa para o capitalismo. Dessa forma, tudo se mantém sob o controle do poder econômico, que cresce para aqueles que o detém, através de influência a consumir aquilo que é imposto aos seus consumidores. Em um mundo igual ao que vivemos, na qual grande parte da população mundial tem contato com alguma forma de mídia, que convencem a uma padronização a fim de garantir um sentimento de pertencimento a identidade, que se resume a imitação, provoca então uma obediência. Então se cria sentimento de vontade de imitação (Adorno; Horkheimer, 2002).

Em continuidade, isso não ocorre apenas nos cinemas, apesar de serem um dos exemplos mais comuns, devido por exemplo a propagação da propaganda nazista em diversos cinemas pelo mundo, inclusive no Brasil. Também se encontra em nosso campo de estudo, a música. Essa também é uma fonte de manipulação, pois por ser algo muito presente no cotidiano das pessoas, se cria uma industrialização na qual corrobora a vinculação de propagandas, associada a uma canção ou artista .

Contudo há gêneros musicais que vão contra a essa sistemática. Nesse trabalho, é analisado uma forma de Soft Power contra hegemônico da Indústria Cultural, que promove verdadeira identidade ao se aproximar de seus propulsores, e ser uma estrutura de promoção da história e vivências de seus porta-vozes, o hip hop. O Hip Hop nasceu na Jamaica ao terem suas ondas sonoras desenvolvidas, porém somente se estruturaram nos Estados Unidos em 1970 (Barbosa; Pires, 2022). O movimento se concretizou no momento em que o dj jamaico-americano Kool Herc, utiliza dois discos de vinil de uma mesma música para mesclar a sonorização, essa nova modalidade ganha grande apreço e logo vem a consolidar e se popularizar em diversos países.

O movimento é formado por quatro divisões: break, ou seja, o movimento da dança; o rap, a musicalização; a discagem; e as artes plásticas representados pelo pixie

e grafite. E teve como objetivo o redirecionamento das violências vivenciadas pelos grupos marginalizados (Do Nascimento, 2014). Delimitado ao rap, caracterizado pelos versos ritmados, vem acompanhado de ondas sonoras compostas por djs, e se caracteriza por ser uma forma de expressão que aborda temas variados como questões sociais, políticas, culturais e pessoais (Marcelino, 2018). O movimento artístico exemplificado ao ser é subvertida a uma ferramenta de aproximação com a realidade social, se transforma em instrumento de construção de conhecimento e forma de expressão (Marcelino, 2018).

Nesse sentido, de acordo com André do Nascimento (2014), o rap, como cultura, é uma forma de musicalidade direta, que diferente de outros gêneros musicais, não se limitam apenas na construção de melodias complexas, mas sua centralidade está na mensagem transmitida, isso é importante para o alcance de classes sociais ignoradas pelo *mainstream*. A narrativa no rap é central, ela conecta o ouvinte às realidades cotidianas das ruas, das comunidades, das lutas pessoais e coletivas. Dessa forma, o rap funciona como uma crônica urbana, um diário que documenta a vida dos marginalizados.

A rápida dissipação do movimento, principalmente vinculada ao rap, mostra a devida importância e força que esse movimento apresenta no mundo, isso porque não só apresentou rápida adesão, mas porque sua coletividade e estilo, implicou em inspiração para outros. Atualmente, em 2023, esse gênero ocupava local de aproximadamente ¼ de artistas vinculados à plataforma de streaming Spotify e pela mesma plataforma apresenta ser o segundo gênero mais estudado mundialmente (NEWSROOM SPOTIFY, 2023). Demonstrando que sua forma de expressão foi amplamente aceita no dia a dia da população mundial, isso consta também que houve influência.

Quando delimitamos o local na figura da América Latina, não há maneira de não evidenciar o hip hop sem olhar racializado, isso não somente devido ao seu nascimento, visto que é uma cultura de origem negra, mas também porque dentre os principais atores dessa forma de arte se encontra o movimento negro e indígena da América Latina. Em razão da sua proposta crítica, configura-se em uma plataforma de visibilidade política à luta desses grupos. Seguindo as informações apresentadas nos dois últimos parágrafos, ao estar vinculada a artistas com nome reconhecido mundialmente como é caso de Djonga, Bros mcs, e vinculada ao seu viés anti-hegemônico, gera tendência de não analisar seu devido valor. Porém, sua importância é tamanha não só para os grupos que a utilizam como plataforma política, mas para o movimento internacional ao promover uma noção crítica aos centros sistêmicos e

promover maior atenção aos postos marginalizados no sistema global, como a América Latina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em continuidade das informações anteriores, percebe-se que apesar da cultura ser algo cotidiano, seu estudo é necessário para o entendimento da sua formação, da sua ligação política, mas também para promover o pensamento crítico dentro de seu uso. Isso porque a Indústria Cultural, como forma de promoção a hegemonia está presente nos principais meios de comunicação, a fim da promoção de controle.

Contudo ao se tratar do rap, delimitação deste trabalho dentro do Hip Hop, o jogo político desse objeto se torna outro, sua intenção, como citado, é evidenciar as narrativas do seu locutor a fim de denunciar assuntos negligenciados a sua comunidade, dessa forma se transformando em uma arma política (Do Nascimento, 2014). Essa estrutura política instiga o pensamento crítico àqueles que a ouvem, tornando-se contrária ao propósito da Indústria Cultura.

Nesse contexto, ao decorrer das pesquisas deste trabalho, se teve contato com narrativas em que alguns ouvintes do rap questionavam a aproximação com estruturas convencionais da Indústria Cultural, como forma de demonstração da separação completa a essas estruturas nasce o underground, que é composta por artistas independentes. Porém, é necessário entender se de fato o underground nasce apenas pela possível aproximação do rap com o *mainstream* ou se está vinculada a um pensamento compactuado com a branquitude que não aceita a visão de outros grupos no espaço de poder (Do Nascimento, 2015). Esse trabalho não tem a função de delimitar se de fato ocorre ou não essa interação, mas tem o dever de instigar o pensamento crítico sobre uma possível influência da branquitude a essa visão, visto que apesar e ser um movimento crítico a hegemonia e a separação capitalista que o mesmo faz as comunidades mais pobres, todos estão sob o sistema cujo capital tem papel forte nas vivências, e a procura desse capital é presente em todos.

Depois desse questionamento, é necessário apresentar casos do rap na América Latina, exposto no trabalho de (Santos, 2017), a exemplo de Cuba que a princípio tinha como background bases americanas, importados com a relação com os Estados Unidos, mas que ao evoluir segregou o *underground* e o comercial, criando sua própria referência. Em outros países da América Latina a incorporação de elementos de sua cultura também promove um distanciamento do país norte americano, criando uma identificação

própria, isso ocorre por exemplo nos grupos de rap indígena, que além de promover discursos anti-hegemônicos, caracterizam suas músicas com a promoção de elementos culturais de seus grupos, como a língua, ou a exemplo do rap indígena boliviano a flauta característica de sua cultura local.

Com isso, para terminar este trabalho, ao determinar o escopo geográfico a América Latina, encontra-se uma dificuldade com relação a integração cultural dentro de seus conjuntos de países, isso pode ser relacionado ao modelo de integração regional entre seus participantes ter direcionamento maior ao mercado e ser descrita, como o autor Guilherme Gonsales Rocca e Souza (2017) expõe, a uma integração aberta, pois sofre influência da potência dos Estados Unidos. Contudo se tratando do gênero musical do rap, é apontado uma demonstração de força que apesar de não seguir as narrativas do mainstream, ainda configura em uma promoção da cultura local, demonstrando que o Hip Hop é uma forma de Soft Power anti-hegemônico.

Agradecimentos

Agradeço a todos que me apoiaram durante o processo dessa pesquisa, em especial ao meus familiares. Agradeço também ao apoio financeiro proporcionado pelas bolsas UFT e FAPT.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W.; DE ALMEIDA, Jorge Miranda. Indústria cultural e sociedade. **São Paulo: Paz e Terra, 2002.**

CASO DA TELESUR, O. Reflexões acerca da integração cultural latino-americana. 2017. Tese de Doutorado. **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.**

DE FARIA BARBOSA, Claudia; PIRES, Edmeire Oliveira. MOVIMENTO HIP-HOP NA CULTURA BRASILEIRA: RESISTÊNCIA, POLITIZAÇÃO E DECOLONIALIDADE. **Revista Debates Insubmissos.** 2022.

DO NASCIMENTO, André Marques. O POTENCIAL CONTRA-HEGEMÔNICO DO RAP INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA DESDE A PERSPECTIVA DECOLONIAL. **Polifonia,** v. 21, n. 29, 2014.

DO NASCIMENTO, Mayk Andreele. *O rap e a indústria cultural: entre o underground e o mainstream.* 2015. **Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2015.**

IELA. Ditadura na América Latina: rapinagem norte-americana. Disponível em: <<https://ielo.ufsc.br/ditadura-na-america-latina-rapinagem-norte-americana/>>. Acesso em: 15 maio 2024.

MARCELINO, A. et al. RAP: CAMINHO DE EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO PELA MEDIAÇÃO ARTÍSTICA. **Revista de Administração Educacional**, v. 9, n. 1, 25 jul. 2018

MARTINS, Heloisa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 02, p. 289-300, 2004.

NETO, A. R., & de Souza-Filho, J. M. (2016). A influência do Soft Power na Internacionalização dos Produtos Culturais Brasileiros: Uma Proposta de Framework. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais (Internext)**, 11(1), 37-48.

NYE, J. S. (1990). Soft Power. **Foreign Policy**, 80, 153–171. Disponível em <<https://doi.org/10.2307/1148580>>.

RUTHE, Aline. Soft Power e Hard Power: entenda a diferença! - **Politize!**. 2022 Disponível em: <<https://www.politize.com.br/soft-power-hard-power/>>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SANTOS, Eduardo Gomor dos. *Hip Hop e América Latina: relações entre cultura, estética e emancipação*. 2017. **Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017**.